

A PRINCESA BAIXINHA

LER⁺
LITRATOS

Beatrice Masini

Octavia Monaco



Livros Horizonte

Agosto
2012

17

Era uma vez uma Princesa muito bonita mas que sofria imenso por ser baixinha. Era tão pequena que aos quatro anos parecia ter só dois e quando fez oito ninguém lhe dava mais de seis. Sempre que ia passear no seu lindo pônei as outras crianças troçavam: "É pequenina como um cogumelo e baixinha como a relva!".

Os jardineiros, esses, diziam que ela mais parecia um bonsai, que é uma daquelas árvores em miniatura.

E ainda havia outros, mais maliciosos, que sussurravam: "É baixinha demais para ser uma verdadeira Princesa. As princesas a sério têm que ser altas e elegantes".



Claro diziam tudo em voz baixa para ninguém ouvir. Mas ela ouviu-os na mesma e ficava triste.



Um dia a Princesa Catarina - pois era este o seu nome - foi visitar a rainha Avó, que além de ser rainha e avó, era também uma grande amiga.

Enroscou-se no seu colo e perguntou-lhe: "Por que é que eu sou tão baixinha? Por que é que todos fazem troça de mim?". E a rainha Avó respondeu: "É porque eles não percebem nada de nada. O teu avô também era baixinho e fez coisas muito importantes".

"Que coisas?", Perguntou ela. "Combateu contra os inimigos e por isso é que hoje vivemos em paz".





"Então também quero fazer coisas importantes", decidiu a Princesa. A Rainha Avó achou muito bem e preparou-lhe logo uma trouxa com coisas de que ela ia precisar para fazer uma viagem: um arco e uma flecha para o caso de encontrar um inimigo, uma moeda de ouro porque dá sempre jeito, um pente e um espelho para estar sempre bonita e três caramelos para o caso de se sentir triste. Ajeitou a coroa na cabeça da Princesinha, deu-lhe um beijo...



Depois atravessou três bosques, duas montanhas e um deserto, chegou a uma aldeia que vivia atormentada pelos ataques constantes de um dragão.



Os habitantes passavam a vida trancados em casa, cheinhos de medo. Mas a Princesa não tinha medo dele, nem um só bocadinho!



"Tenho uma arma para derrotar o dragão. Vejam", disse orgulhosa ao chefe da aldeia mostrando-lhe o arco e a flecha.

Só que aquilo pareciam armas de brincar...

"São tão pequenos!", respondeu o chefe, desconsolado.

"Isto é o que vocês pensam", disse a Princesa convencida.



Pegou no arco e com as suas mãos pequeninas esticou-o como via fazer os arqueiros da rainha Avó.

Sentia que as pessoas a observavam e murmuravam: "Ela é tão pequenina, não vai conseguir"



Mas a Princesa não se deixou desencorajar. Subiu à montanha onde vivia o dragão e disparou a flecha que acertou em cheio na sua enorme barriga.



"Ai Ai Isso dói", berrou o dragão. Então a princesa aproximou-se dele e ameaçou: "Esta flecha é pequena e por isso a tua dor é pequenina, mas se continuares a maltratar os meus amigos eu volto com uma muito maior!" o dragão fugiu a sete pés, decidido a nunca mais aparecer por ali. E os habitantes da aldeia gritaram em coro! "Ahi Grande Princesa!"



Toda satisfeita com a sua proeza, Catarina retomou viagem. Andou, andou e depois de atravessar mais três bosques, duas montanhas e um deserto, chegou a outra aldeia. Como tinha fome decidiu comprar um biscoito com a moeda de ouro mas ninguém tinha nada para comer. Até havia um padeiro mas ele não tinha farinha para fazer o pão.





"Bom, na verdade, até há muita farinha", confessou o padeiro com voz triste, enquanto apontava para um monte de sacas muito bem atadas com fitas de seda.

"Ninguém consegue abri-las. Um bruxo lançou-lhes um feitiço e agora é impossível desatar os nós".

"Talvez estejam muito apertados para as vossas mãos, mas para as minhas não", respondeu a Princesa triunfante.



Trouxeram as sacas de farinha e, com os seus dedos pequeninos, Catarina desatou todos os nós. Agora o padeiro já podia fazer pão para toda a aldeia e





claro, um grande biscoito para a Princesa que logo retribuiu com a moeda de ouro. Já de barriga cheia, os aldeões gritaram em peso: "Oh, Grande Princesa deste de comer à aldeia inteira!".



Toda inchada com a sua nova proeza, Catarina meteu pés ao caminho. Andou, andou e depois de atravessar três bosques, duas montanhas e um deserto, chegou a outra aldeia ameaçada por um bando de Condores.

"Todos os dias, às três da tarde, voavam até á aldeia e devoravam tudo o que encontravam. Ninguém se atreve a ir expulsá-los lá da montanha", contaram-lhes os habitantes. "Vou eu!", decidiu a Princesa. "Mas com esse teu tamanhinho, como é que julgas que enfrentas os condores?", duvidaram eles.



Sem lhes prestar atenção, Catarina partiu para a montanha.
Mas enquanto trepava pelas pedras
ia pensando, insegura:
«Al, al, al! O que é que
eu faço agora?».



Ao chegar ao topo da montanha e ao encarar os condores, achou-os tão feios, mas tão feios mesmo, que teve logo uma ideia. Tirou do saco o espelho que tinha trazido e aproximou-se do chefe dos condores, o mais feio de todos. Curioso, o condor esticou o pescoço para ver o que a Princesa tinha na mão. Então olhou para a sua imagem reflectida no espelho e, ao ver como era feioso, ficou tão assustado que desatou a voar. E os outros aceleraram atrás dele, jurando nunca mais voltar. A princesa ainda gozou: "Até metes medo a ti próprio, não é?".



Lá em baixo, na planície, ao verem os condores voar para longe, todos gritaram ao mesmo tempo: «Ah, Grande Princesa, livraste-nos daqueles monstros!».





Mas, sozinha no topo da montanha, tão pequenina e com aquele mundo tão grande a seus pés, a Princesa sentiu-se um pouco perdida.

Foi então que se lembrou dos caramelos que a Rainha Avó lhe tinha dado. Abriu o seu saco, tirou de lá um e comeu-o, era bom mas um só não chegava. Então tirou o segundo. Também era muito bom e muito doce mas ainda não era o suficiente. Então tirou o terceiro e, enquanto chupava o caramelo, com o mundo tão vasto a seus pés, começou a sentir-se melhor.

Ajeitou a coroa na cabeça e voltou a partir. Desta vez... para casa.



"Ah, grande Princesa, que viva a nossa Princesa".



De novo atravessou desertos, montanhas e bosques. Ao todo, três desertos, seis montanhas e nove bosques. E enquanto passava pelas aldeias que ajudara na sua viagem, não parava de ouvir:

"Ah, Grande Princesa! Que viva a nossa Princesa!".

As felicitações viajavam no vento e depressa chegaram à corte da Rainha Avó.



Quando a Princesa entrou no castelo, foi recebida com gritos de alegria:
"Viva a Grande Princesinha!",
"É mais valente do que 100 cavaleiros!".



A, uma das janelas do seu castelo, a Rainha Avó acenou-lhe, comovida. "É ainda mais corajosa do que o avô", pensou para si própria. "Porque ir à guerra há muitos que têm de ir, mas ser grande e pequenina ao mesmo tempo, é coisa mais complicada de conseguir."

